

TOMÁS DE AQUINO, S. **Princípios da Natureza**. Tradução, introdução e comentários de Ramiro Délio Borges de Meneses. Porto: Porto Editora, 2001, 160 p. ISBN 972-0-41082-5.

por *Paulo Faitanin*

Tomás de Aquino [1225-1274] filósofo e teólogo dominicano medieval escreveu este opúsculo e o dedicou a um irmão dominicano de nome Silvestre. Mais que uma resposta a alguma questão, se trata, provavelmente, de uma dedicação. Infelizmente, pouco se sabe da vida de Silvestre. Todos os especialistas reconhecem a autenticidade deste texto. As edições latinas apresentam certas variações de título: *De principiis naturae*, *De principiis rerum* ou *De principiis rerum naturalium*. Segundo Ptolomeu de Lucas, um dos mais renomados relatores dos escritos tomistas, esta obra foi escrita no ano de 1256.

Como evidencia o título, se trata de expor e analisar os princípios constitutivos da natureza, a saber, a *matéria*, a *forma* e a *privação*. O texto latino está dividido em seis capítulos: No primeiro capítulo, considera a natureza da matéria e da forma. No segundo, são analisadas as noções de matéria, forma e privação. No terceiro, os quatro gêneros de causas. No quarto, as relações das causas entre si. No quinto, a prioridade das causas entre si. Por fim, no sexto capítulo, o autor trata de distinguir os princípios entre si.

Neste texto o Aquinate sustenta que são três os princípios da natureza, ou seja, *matéria*, *forma* e *privação*; a forma é aquilo pelo que é a geração; e os outros dois princípios existem por parte disso pelo que é a geração. Além daquelas quatro causas, se conta a privação como princípio da natureza. Mas a privação não está enumerada entre as causas, porque é princípio por acidente. A privação não se diz senão de determinado sujeito, ou seja, do sujeito no qual é apto o hábito, assim como a cegueira não se diz senão nos entes aptos a ver. E porque não se produz a geração a partir do nada absoluto, mas a partir do não-ser — relativo — que existe em algum sujeito, embora não de qualquer sujeito, mas de determinado sujeito (com efeito, o fogo não se produz a partir de qualquer não-fogo, mas a partir de tal não-fogo, a partir do qual é apto produzir-se a forma do fogo), por esse motivo, se diz que a privação é princípio<sup>1</sup>. Outras informações sobre os princípios da natureza se encontram nos textos relacionados à natureza da matéria.

---

<sup>1</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De princ. nat.*, c.2 e 3.

O tradutor é Ramiro Délio Borges de Meneses. Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica – Braga (1974), em Ciências Farmacêuticas pela Universidade do Porto (1981), em Medicina pela Universidade de Coimbra. Clínico geral, exerce no serviço de emergência do Hospital de S. João da Madeira. Atualmente é professor adjunto equiparado na Escola Superior do Vale do Souza e Vale do Ave, lecionando terminologia (Grego e Latim aplicados à Medicina e Farmácia). Lecionou Filosofia Medieval (1974-1975 e 1975-1976) na Faculdade de Filosofia de Braga e também Filosofia Física e Cosmologia. Colabora sobre Cosmologia e Filosofia Medieval na revista *Humanística e Teologia*, e faz resenhas sobre Filosofia e Teologia contemporâneas. Colaborou na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura e na Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia – Logos.

No **Prefácio** o tradutor alerta que esta tradução foi realizada em 1974 sob a orientação de Antônio Soares Pinheiro, S.J como trabalho apresentado na disciplina de Filosofia Medieval, p. 7. A **Introdução** apresenta três partes: vida, obra e pensamento filosófico. Na exposição do pensamento filosófico analisa os diversos conceitos centrais da filosofia tomista. Especial atenção dá à noção de ser. No entanto, percebe-se que o tradutor não está atualizado com relação às investigações filosóficas tomistas, com relação ao cuidado terminológico de traduzir *actus essendi* como ato de ser e não como ato do sendo, como se atesta na p. 17. Logo de cara é preocupante ter como adequada e segura esta tradução, tendo em vista que faltou aqui o devido cuidado e uma leitura pormenorizada das indicações bibliográficas, como a de Cornélio Fabro que muito contribuiu para a elucidação desta doutrina. Mostra-se o tradutor pouco íntimo com a articulação metafísica. Isso se revela de modo especial quando diz ‘unida ao acidente da quantidade, a matéria dá a individuação aos seres corpóreos’, p. 20. Em Metafísica não é a matéria que se une ao acidente, mas o acidente à matéria. Além do mais, não há matéria sem quantidade, pois o que há são matérias com porções quantitativas diversas. Termina apontando a autenticidade e cronologia do opúsculo, p. 40.

A **Edição** é bilíngüe, mas não proporciona o cotejamento direto da tradução com o texto latino, pois a tradução está no início, pp. 45-116 e o texto latino no final, pp. 129-148. A **Tradução** é *deficiente*. Note-se o texto latino e a tradução proposta: texto latino ‘Nota quod quoddam potest esse licet non sit, quoddam vero est, illud quod potest esse dicitur esse potentia’, p. 129; eis a tradução: ‘Com efeito, uma espécie pode ser, embora ainda não seja alguma coisa verdadeiramente. Aquilo que pode ser e não é diz-se ser em potência’, p. 45. O tradutor propõe traduzir *quoddam* por *espécie*. Para a filosofia tomista a palavra *species*, cujo correlato em língua portuguesa é *espécie*, joga um papel fundamental. É um dos conceitos mais ricos de seu vocabulário. Dada a

sua riqueza pode significar: essência, natureza, quiddidade. De nenhuma maneira conviria traduzir *quoddam* por espécie. O mais adequado seria traduzi-lo, como propõe a maioria dos tradutores – e aqui denotamos um grave problema, pois o tradutor não cotejou sua tradução com nenhuma outra – por *algo*. Propor-se-ia para esta passagem a seguinte tradução: ‘Sabe-se que algo pode ser, ainda que de fato não seja. Aquilo que pode ser, é ser em potência; e aquilo que já é, é ser em ato’. Este é um dos problemas que logo de imediato o leitor enfrentará.

As notas explicativas foram postas separadas do texto traduzido, o que causa dificuldade com o acesso e manuseio das informações. Teria sido melhor aloca-las em notas de pé-de-página. Em anexo a edição apresenta um breve Glossário, a edição latina do texto da Edição Leonina, uma bibliografia geral e uma bibliografia específica, pp. 117-158. Infelizmente não é uma tradução fiável. Seguimos carecendo de uma edição portuguesa melhor preparada, com uma tradução que cuide do aparato lingüístico, filológico e, sobretudo, conceitual tomista.